

5ª PARTE

Transcrições

UM CAVALEIRO DA TRADIÇÃO

Nerton Macedo

Meu irmão, José Denizard Macedo de Alcântara, o mais velho de todos, foi a mais forte influência espiritual ao longo da minha vida. Ele morreu relativamente moço, aos 63 anos, de fulminante colapso cardíaco, nas proximidades da Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção, numa madrugada de novembro. Era afilhado de Nossa Senhora da Penha, padroeira do Crato, e a cidade de Fortaleza foi a paisagem e a paixão urbanas da sua vida.

Figura inesquecível, a desse bom irmão, pela ternura que escondia n'alma, sempre fazendo questão de mostrar um cenho carregado, de ilusório, aparente autoritarismo, que aos incautos parecia o retrato "fechadão" da sua maneira peculiar de pensar e agir, em política, em casa ou no magistério. Não era, porém, no fundo, nada disso. Foi com ele que aprendi uma lição que me tem servido bastante pelo tempo afora: não acreditar em ideologias radicais como "molduras perfeitas, acabadas" de certos espíritos julgados, condenados ou exaltados, erradamente, como de Esquerda, Centro ou Direita. Pois o que não falta na vida pública brasileira são certas figurinhas torpes que se dizem liberais e não passam de tremendos farsantes, com esconsa vocação para a crueldade e a ditadura, adoradoras que são do mando incontrastável e do poder totalitário. Daí o sábio provérbio. "Se queres conhecer o vilão, entrega-lhe o bastão"...

Há os que se proclamam de Esquerda, quando não passam, geralmente, de sentimentais, recalcados ou até incapazes de compreender quão rude e braba é a existência humana; crêem, ou fingem, num mundo de completa justiça e igualitarismo, não se conformando com o nosso planeta, como realmente foi feito. E chegam, inclusive, a sacrifícios extremados para consertá-lo ou aprimorá-lo, dependendo do grau de alucinação ideológica a que se submetem. Querem, assim, a todo custo melhorar, com instrumentos terrenos, a obra de Deus, a quem combatem ou negam, com insistência e raiva.

Vários, são apenas cínicos. Outros, realmente idealistas e decentes.

Meu irmão era uma figura singular. Tinha soberano desprezo por todo indivíduo que não era carne nem peixe, não cheirava nem fedia. E vomitava-os à maneira paulina, ou de quantos outros lutadores deram testemunho nesta vida. Por isso mesmo sofreu, desde jovem, quando aderiu ao movimento integralista, por suas idéias "fascistas e reacionárias" que, simplesmente, ele não as possuía. Era, na verdade, um tipo que chamaríamos de raro entre os produtos da formação ou da consciência do seu tempo. Enfim, um homem apaixonona-

damente rendido aos encantos da História, da Tradição, do Sonho Cristão e de um vago Autoritarismo — assim mesmo, tudo isso com letra maiúscula! Entretanto, mais próximo do paternalismo alargado do “familiar” ao “nacional”, do “clânico” ao “pátrio”, do “individual” ao “comunitário”. Sua concepção política era a de lareira, a da enorme mesa familiar da refeição em comum, das redes no alpendre em deliciosos rangeres nos seus armadores e das infundáveis tagarelites, louvando o amor à Pátria e aos seus Maiores. No melhor estilo Antônio Sardinha. Com a liturgia dos mortos a Barrés. E muito Fernando Pessoa, sem o revolucionarismo do poeta e o seu lado meteco, cosmopolita e *gay*. Algo, pois, um tanto complexo e difícil de entender, notadamente para quem não conhece as forças da espiritualidade latente, na História e na religiosidade dos povos ou nações. Meu querido irmão era, naturalmente, fiel ao passado. E como todo personagem do seu feitio, sempre desligado das coisas do presente, mas, principalmente, do futuro.

José Denizard vivia o passado de forma muito intensa, quase sobrenatural e mítica. Ou, ainda, mística. Poderia — ou deveria — ter sido poeta. Mas preferiu viver a própria poesia, na forma de uma História idealista, demasiada talvez. Como a de todos os autênticos visionários e videntes.

Nasceu, ele, certamente para juntar-se ao Quixote e ao Sancho, formando com estes um trio inseparável, nas suas andanças em busca de aventuras, sonhos e conquistas. Era, definitivamente, um deles. Capaz, acredite quem quiser, de conversar a sós, numa boca de noite, em sua cadeira de balanço, com o Infante Dom Henrique, e entrar, madrugada adentro, a trocar impressões e figurinhas com o Marquês de Caxias, ou o General Osório, a respeito de fatos pouco conhecidos da campanha do Paraguai.

E nada tinha nisso de insensato. Apenas de passional, enamorado como era da História do Brasil, a qual amava e perdidamente nela acreditava, entregando-se, tanto quanto o nosso querido primo, Luís Teixeira de Barros, monarquista ferrenho e liberal de berço, a intermináveis diálogos sobre Luiz XVI, em Versalhes, ou Bonaparte a caminho das Pirâmides. Tudo quanto lhe surgia dos velhos compêndios e das lições ministradas pelos padres e professores do Ginásio Diocesano do Crato e depois no tradicional Liceu do Ceará, em Fortaleza.

Meu irmão era, parodiando o romancista de Dona Guidinha do Poço, Manoel de Oliveira Paiva, uma pessoa que acreditava na palavra da História como se ela “de Deus viera”. História feita e escrita pela mão dos homens, é preciso não esquecer...

Também era, por natureza, um temperamento sonhador e solitário, tenaz, introspectivo, caladão, campo fértil às idéias de um surdo extraordinário, como Maurras; ou de um polêmico e atrevido como Daudet; tanto quanto o era para os paradoxos e as cambalhotas do Chesterton. Todavia, amigo do bom senso e, de cambulha, para tudo quanto dissesse respeito à sua terra e gente, fielmente representadas nas figuras idealistas, rudes e até mesmo boçais de caudilhos provincianos, mas que souberam adentrar à História. Do tipo de Filgueiras, Pinto Madeira ou do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, três gigantes do

“reacionarismo” ligados ao Partido do Trono e do Altar. Isso sem esquecer as honestas figuras de venerados cronistas como o Barão de Studart, Paulino Nogueira, João Brígido, Théberge e outros do mesmo naipe.

Afinal meu irmão tinha que detestar, pois não poucos da sua geração foram educados para tanto, o liberalismo avoengo, no que se confundiam, aliás, a Esquerda e a Direita. Pois somente os carreiristas é que, naqueles dias das décadas de 30/40, cheios de inquietações e reformismos sociais, seriam os únicos capazes de abrigarem-se à sombra de contumazes exploradores do povo. Os tais liberais nascidos com a Revolução Francesa, que ele tanto odiava por achá-la a grande responsável pela segunda queda das nações cristãs e dos povos tementes a Deus. A plebe rude, a massa ignara, a patulêia de suburras — e os padres forjavam muito bem essa mentalidade nos seus dias de adolescente no Crato — teriam, mais cedo ou mais tarde, na concepção desses mesmos senhores reverendos, tão antimaçons quão antiprotestantes, de voltar aos antigos bons termos da chamada “idade de ouro” da Cristandade, a Idade Média, tempo onde havia lugar reservado e seguro para todas as hierarquias sociais, para todos e para cada um de *per se*, dos mestres de obras nas belas igrejas e catedrais aos camponeses brutos, enfeudados e disciplinados nos campos e burgos à sombra dos castelos.

Meu irmão acreditava, piamente, na harmonia intrínseca dessa ordem velha, dentro da sua sincera e pura imaginação de moço sertanejo, irredutível cultor de tantos séculos evanescidos, de inumeráveis desaparecidos cavaleiros cristãos, de navegadores de Sagres, de soldados das Espanhas de Carlos V e Felipe II, de incontáveis súditos de Sua Majestade Fidelíssima da França e da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana e, por cima, não deixando de atribuir todas as desgraças e infelicidades humanas aos falsos sábios e iluministas do século XVIII. Bem menos do que o ódio, meu irmão nutria acentuado desamor e uma desconfiança contínua por todos os reformadores da História. Em particular aos que prometiam maiores doses de progresso e felicidade para os povos, através dos anunciados poderes miraculosos da ciência e da técnica, elaborando paraísos sociais artificiais — as famosas utopias — e, paradoxalmente, gerando o césarismo democrático encarnado num Napoleão e outros ditadores. Toda essa vasta “empulhação” tricolorizada — Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Só o tempo, modelador de almas e de idéias, corregedor sem par de temperamentos tenazes, silenciosos e tristonhos como os que vicejam no Crato, seria capaz de modificar estrutura tão entranhadamente “poética”, em meio a essas águas revoltadas do pouco asseado e calmo “oceano da História”. Como era, certamente, o do Denizard, no íntimo e em verdade um ser compassivo, amigo dos pobres, ele próprio um professor de província, cordato, inteligente e culto, que amava, como poucos, seus discípulos e a profissão, mas gostava de posar de durão e era um menino-grande quando se punha, na base de uma boa cervejinha matinal, a falar numa mesa de boteco dos seus sonhos recônditos, feitos de epopéias e devaneios, do rapazinho cativo — desde os dias da juventude, no Vale do Cariri — das suas coleções históricas e amarelecidas,

sorvidos de um gole entre as não menos influenciáveis hemerotecas veneráveis das bibliotecas públicas da terra natal.

Era meu irmão muito parecido com o chefe nacional, Plínio Salgado, que eu conheceria mais tarde na intimidade e que sempre me pareceu muito mais propenso ao mestrado cívico e ao “sempre alerta” do escotismo do que à dureza brutal das pancadarias e conflitos de ruas ou guerras-relâmpagos de um Adolf Hitler e dos seus violentos SS e hábeis generais. Assim, meu irmão estava mais para “falangista” da Legião de um Primo de Rivera, que acabou por abrir caminho ao General Franco, tanto quanto para o “ideário monárquico” (à moda realista, pragmática, porém jamais esquiva como a de um Oliveira Salazar) do que tendente à militância numa juventude “negra” ou “parda”, do tipo alemão ou italiano. Seu nacionalismo, no final das contas, era tecido de regionalismo — o que não o impedia de, fortemente influenciado pelos jesuítas de Fortaleza e do Recife — proclamar uma antipatia obviamente injustificada pelo que pensava ou escrevia o mestre Gilberto Freyre. Viveu ele, porém, o suficiente para amadurecer a sua natureza — naturalmente liberal — no sentido de quanto isso contém — ou retém — de compreensão e respeito pelo próximo, pelas idéias alheias, pela liberdade de agir e criar, tanto no mundo físico quanto no espiritual. Quando morreu, já estava por demais reconciliado com os antigos desafetos, adversários de sua agitada mocidade ideológica, muitos dos quais adorava freqüentar e, ao lado deles, afetuosamente prosseguir na quixotesca disputa que o acompanharia, nobre e cavalheirescamente, ao túmulo. Não mais desejava convencer ninguém, muito menos também queria ser convencido. Ideologicamente falando, parara no tempo e no espaço. Suas idéias políticas, de ordem eminentemente sentimentais, como que se haviam cristalizado, não apenas como postura, fisionomia moral ou elegância verbal, mas num acentuado e recatado ceticismo diante de novas propostas surgidas ao final de sua existência. Entretanto, o mundo que ele havia conhecido e pensado desde os dias de menino, no Crato, ou de estudante pobre, em Fortaleza, continuava inalterado em sua alma: era ainda o mesmo do velho professor remediado e de vida bem estruturada e metódica, embora amando a boemia noturna e as rodas de cerveja e boa pinga nos bares da amada Fortaleza.

Curiosamente, quando o telefone da minha casa tocou, no Rio de Janeiro, na madrugada de sua morte súbita, um pensamento logo assaltou-me, antes mesmo que eu atendesse a chamada — o de que fora ele quem acabara de falecer. É ainda agora, com a imutável e extremosa afeição passada, posso confessar, de olhos marejados, que é ainda assim que leio é transcrevo aqui este trecho destacado do seu testemunho particular, da cópia que dele possuo:

“Declaro que nasci e desejo morrer no seio da Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana, cujo chefe visível é Sua Santidade o Papa que está em Roma, a cujas verdades eternas e imutáveis sempre aderi com toda a força da minha inteligência e do meu coração, na forma com que foram ensinadas nos séculos passados, apesar dos meus incontáveis defeitos, pecados e omissões, para os quais espero Misericórdia da Divina Justiça, quando comparecer perante meu

Deus, meu Criador e meu Supremo Juiz, para o que rogo a intercessão de Seu Filho Unigênito. Jesus Cristo, meu salvador, de Sua Mãe Santíssima e de todos os Santos Anjos da Corte Celeste, especialmente meu Anjo da Guarda e do Glorioso Arcanjo Miguel, padroeiro de todos os soldados cristãos. Quero reafirmar solenemente o orgulho e a honra das posições políticas que assumi na vida, quer como integralista que envergou sua bela e dignificante “camisa verde”, como miliciano inscrito na Ação Integralista Brasileira, o maior movimento cívico e patriótico da nossa Pátria, só igualado pela repulsa às invasões holandesas e à Guerra do Paraguai. Reitero por igual minha condição de monarquista fiel, única forma de governo inteligente e adequada para ser aceita por um bom brasileiro. Protesto mais uma vez meu integral repúdio às errôneas e maléficas doutrinas liberais ou demoliberais, socialistas, comunistas e as chamadas “católico-progressistas”, que ensandeceram o mundo a partir da Reforma Protestante e da Revolução Francesa, e que ora estão conduzindo o mundo, o homem e a humanidade ao caos, à escravidão, a abismos insondáveis, que só a Fé em Deus Todo-Poderoso podem evitar pela sua Infinita Bondade. Lamento não dispor de uma “camisa-verde” para me amortilhar, mas quero que, sendo possível, meu esquife seja coberto com a bandeira do Sigma e pela bandeira do Império, que se encontra em meu gabinete doméstico”. (Datado de Fortaleza, Ceará, dia 23 de setembro de 1979).

Só firmá-lo vinte e dois dias antes, meu irmão havia completado 58 anos, pois nasceu a 1º de setembro de 1921, filho legítimo de Júlio Teixeira de Alcântara e Corina Macedo de Alcântara.

Ainda hoje, ao recordar José Denizard, sinto que existe o que se pode definir, sem exagero, como uma concepção “romântica” — totalmente romântica — da História. Nos dias que correm, em meio a toda sofisticação tecnológica do Universo, que ora empolga gregos e troianos, dos capitalistas aos seus antipodas comunistas, pode-se ainda apontar exemplos de estadistas e intelectuais que nunca abdicaram dessa visão sonhadora e amorosa ao se debruçarem sobre o passado da sua gente — e o General De Gaulle é o primeiro dentre eles. Confessa o general, em suas “Memórias”, que a imagem da França, para ele, o teórico dos modernos blindados, o cultor do progresso crescente, baseado na riqueza industrial, que haveria de colocar a França do pós-guerra novamente entre as potências do mundo, era apenas uma princesinha dos contos de fada...

É que se, de um lado, historiadores e sociólogos marxistas insistem, cada vez mais e totalmente, em raspar do cérebro humano a “memória da História”, sob a promessa abstrusa e absurda de começar tudo de novo, existem, por outro, muitos personagens ilustres que não detestam o passado, não odeiam seus precursores na terra. Muito pelo contrário, guardam deles até uma visão de saudade e respeito, bela e comovida, como rico legado de exemplos e lições a ser seguido e usado. Porque, para o “tradicionalista”, de formação ou conteúdo passionalmente “histórico” (e a História, como a poesia e a música, significa para esses sensitivos uma das mais ricas formas de expressão espiritual ou de humanismo cultural) o sonho de redescobrir e coexistir, simultaneamente

com o passado, é qualquer coisa de verdadeiramente impressionante. Recorde-se outra vez Gilberto Freyre, que, exemplo raro no Brasil, possuía, em escala notável, essa capacidade extraordinária que chamaríamos, aqui, sem desdouro, de “mediúnic”, ou seja, “de viver” intensa e naturalmente tudo quanto ele próprio descrevia da nossa sociedade patriarcal, como se nela houvesse coabitado — e, dessa maneira, construir uma obra sólida e duradoura, servida pela luz de conceitos os mais modernos e científicos, dos sociológicos aos da psicologia e da antropologia. E umas das figuras interessantes dessa “família” espiritual que produziu, indistintamente, um De Maistre, um D’Aureville, um Barrés ou um Maurras (para mencionar apenas quatro dos grandes prosadores e pensadores da ilustre “direita” francesa), seria, somente a título de exemplo, e bem à maneira anglo-saxônica, o criador de Sherlock Holmes, Sir Comam Doyle, também autor de numerosos enredos históricos e até de uma “História do Espiritismo”, seita a que acabou aderindo após a morte de um filho, segundo consta.

Não seria demasiado excluir desse mesmo clã espiritual, a figura, paradoxalmente moderna e antiga ao mesmo tempo, de um Chesterton, democrata, todavia religiosamente ortodoxo, que fez de um simples padre de paróquia, o Padre Brown, um dos mais sutis e vivos detetives policiais de todos os tempos.

Denizard foi, desde menino, por razões diversas, das deformações intelectuais às de temperamento, um “tradicionalista” destemeroso, capaz de rejeitar a mais convincente forma de pensar “racional” pela mais obscura e instintiva devoção aos misteriosos cultos dos antepassados, aos fatos e lendas da História do Brasil. Também a todo o histórico ou legendário da chamada Civilização Católica, mais do que apenas Cristã, que ele tanto amava e rememorava, com seus santos e heróis, os seus nobres escudeiros e cavaleiros andantes, “nós, os feudais”... — como ele, sincera e ingenuamente, de lança em punho em plena era dos aviões a jato, escreveu, certa feita, no jornal integralista de Raimundo Padilha, *A Idade Nova*.

Não sei se no fim da sua existência, a meu ver tão curta, para quem a amava com tanto calor e intensidade, suas arraigadíssimas convicções a respeito de certas instituições tradicionais (o Exército, por exemplo, que durante mais de 20 anos sustentou uma ditadura suja, manipulada por generais e civis ambiciosos) ainda seriam as mesmas, as de um crente aferrado a esses valores desde a mocidade, apreendidos e assimilados na cristalina fonte do integralismo. Ou teria restado apenas o velho turrão, teimoso, surdo, às lições hauridas ao longo de uma vida sofrida, do homem que gostava de se fazer passar por “antigo” e inadaptado a fim de poder melhor posar de “reacionário” para divertir-se, simplesmente às custas de moços dos quais tanto gostava mas não cortejava.

Meu irmão foi, antes de tudo, um sentimental da História. A crônica brasileira, esta então, ele a via como o já mencionado general francês, um sucedâneo ou continuação dos contos de fada da infância, passada à sombra de reminiscências e velharias da sua adorada província, o Ceará, que ele só trocava pelos feitos mais altos e assinalados dos reis de Portugal, seus soldados e bandeirantes coloniais; ou pelos feitos das grandes figuras políticas e militares do Império,

além dos clãs endogâmicos que povoaram o sertão e, também, alguns focos da reação antirepublicana, como o de Antônio Conselheiro, em Canudos; enfim, tudo quanto consagrasse a tese da volta ao pretérito, ao culto barresiano dos ancestrais, à organização social, empírica e construtiva, segundo o método maurasiano, e a partir de ligações e exemplos bebidos no outrora; Sardinha, Salazar e Franco, os mestres da ordem e da tradição ibérica; tudo desembocado no “mais belo movimento” já havia no Brasil, o fundado por Plínio Salgado, uma esplêndida figura humana, frustrada vocação de mestre-escola, de comandante de escoteiros, carismático, sincero, brasileiríssimo, mas de uma ingenuidade de fazer dó, num País marcado a ferro e fogo por malandros lúcidos, carreiristas, fisiológicos e facetos.

Quando relembro, agora, o temor que alguns indivíduos tinham do meu inofensivo irmão, habitualmente apontado como perigoso agente do “nipo-nazismo-fascismo-franco-salazarismo” (na habitual linguagem comunista usada durante a Segunda Guerra Mundial), do fingido medo desses comunistas caboclos, sempre ridículo e dementados pelo fanatismo do “pecado social”, substituto do “pecado original” (no qual Denizard tanto acreditava) tenho vontade de achar graça, sozinho, sem mágoa mas apiedado de tanta tolice da estupidez desses marxistas e dos seus aliados “liberais” da Praça do Ferreira e adjacências.

Pois meu irmão, queiram ou não os seus velhos contendores ideológicos, era, mesmo sem dizer, talvez mesmo sem querer, um liberal autêntico, embora inconfessado. Antes pelo contrário, ruborizado e, estou certo, profundamente ferido e logrado pela natureza infame de muitos dos seus semelhantes, dos homens em geral, únicos autores da grandeza mas, essencialmente, da mesquize da História.

O General de Gaulle tinha lá suas razões: *le grand Charles* era um ator e não um mero e obscuro participante sonhador da corrente dos tempos. Já meu bravo, solitário e inesquecível irmão era tão-somente um humilde espectador, crendo em tudo quanto se dizia (ou se fazia) dentro desse palco no qual se representa, a meu ver, a vasta comédia escatológica, entremeada de grandes e pequeninos dramas ou tragédias. Em que se mistura, de fato, santos verdadeiros e heróis de araque, homens de bem e, também, os mais expeditos e desembaraçados falsários e canalhas de todas as procedências e matizes.

Só lamento, hoje, que meu irmão não haja morrido tão feliz como costuma acontecer à maioria dos visionários idealistas. Algo me segreda ao ouvido — ou à alma, quem sabe? — que ele, há muito, andava bastante decepcionado com não raros dos seus heróis e cavaleiros andantes. Terminou seus dias de vida convencido — estou certo — de que já última palavra neste mundo, fica quase sempre mais à mercê da boca mole e flácida dos Sanchos Panças — e que a voz ardente dos Quixotes só tem vez quando tais personagens, lazarinos e combatentes, por razões as mais estranhas, as mais inusitadas, conseguem tirar o termômetro de debaixo do sovaco e verificar, com surpresa que, afinal,

também podem ser ouvidos, apesar dos 40 graus de febre.. a voz em brasa, rouca, delirante, com que tentaram falar um pouco mais alto, um dia...

Enfim, é a vida. Mas é preciso sonhar. Nem que seja uma única vez. E a vida acontece uma só vez para cada um. Já que todos os mortais não podem navegar, seguindo o conselho tão antigo.